



Revista Diadorim
e-ISSN: 2675-1216
v.27, n.1 e67547, 2025
DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n1a67547

Dossiê

Discurso e estratégias de resistência à racionalidade neoliberal em tiras cômicas

Discourse and Strategies of Resistance to Neoliberal Rationality in Comic Strips

Francisco Vieira da Silva 

Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Caraúbas, RN, Brasil.
E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Resumo

O presente artigo debruça-se sobre a análise de tiras cômicas da série Os empreendedores, de autoria de Toni D' Agostinho. O objetivo consiste em analisar de que forma os discursos dessas tiras fazem funcionar estratégias de resistência à racionalidade neoliberal, especificamente aos efeitos de verdade produzidos sobre o empreendedorismo e sobre o sujeito empreendedor. O aporte teórico ancora-se principalmente nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Foram estudadas sete tiras publicadas no perfil do *Instagram* do artista antes mencionado. As análises possibilitam afirmar que o empreendedorismo é ressignificado, com vistas a denunciar as precárias condições de trabalho na atualidade e, desse modo, constata-se a atuação de práticas de resistência ao neoliberalismo.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonor Werneck dos Santos
Dennis Castanheira
Amanda Heiderich Marchon

Recebido: 13/03/2025

Aceito: 12/05/2025

Como citar:

SILVA, Francisco Vieira. Discurso e estratégias de resistência à racionalidade neoliberal em tiras cômicas. *Revista Diadorim*, v.27, n.1 e67547, 2025. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n1a67547>

Palavras-chave

Discurso; resistência; neoliberalismo; humor; empreendedorismo.



Abstract

This article analyzes comic strips from the series “Os empreendedores”, written by Toni D’ Agostinho. The aim is to analyze how the discourses of these strips make strategies of resistance to neoliberal rationality work, specifically the effects of truth produced about entrepreneurship and the entrepreneurial subject. The theoretical framework is based mainly on Foucauldian Discursive Studies. Seven strips published on the Instagram profile of the artist mentioned above were studied. The analysis makes it possible to affirm that entrepreneurship is re-signified, with a view to denouncing the precarious working conditions of today and, in this way, we see the performance of practices of resistance to neoliberalism.

Keywords

Discourse; resistance; neoliberalism; humor; entrepreneurship.

Resumen

Este artículo se centra en el análisis de tiras cómicas de la serie Los emprendedores que tiene como autor Toni D’ Agostinho. El objetivo es analizar de qué manera los discursos de esas tiras hacen funcionar estrategias de resistencia a la racionalidad neoliberal, específicamente a los efectos de verdad producidos sobre el emprendimiento y sobre el sujeto emprendedor. El aporte teórico se basa principalmente en los Estudios Discursivos Foucaultianos. Se estudiaron siete tiras publicadas en el perfil de Instagram del artista mencionado anteriormente. Los análisis permiten afirmar que el emprendimiento es reinterpretado, con vistas a denunciar las precarias condiciones de trabajo en la actualidad y, de ese modo, se constata la actuación de prácticas de resistencia al neoliberalismo.

Palabras clave

Discurso; resistencia; neoliberalismo; humor; emprendimiento.

Introdução

Considerando que o neoliberalismo constitui uma racionalidade, ou seja, um conjunto de práticas e discursos que agem sobre condutas, comportamentos e ações dos sujeitos nos mais diferentes setores da vida social contemporânea (Dardot; Laval, 2016), especificamos nosso interesse, nos limites deste escrito, em discursos que enunciam acerca do empreendedorismo e do sujeito empreendedor, aqui concebidos como um mantra da razão neoliberal.

Conforme ponderam Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo preconiza que somos uma empresa e, desse modo, cabe a cada um de nós desenvolver as competências e habilidades para empreender, gerir os riscos, administrar as crises e se reinventar continuamente.

De modo ainda mais específico, os discursos a serem analisados aqui denunciam a retórica do empreendedorismo no esteio da gestão neoliberal, na medida em que esta prega o princípio segundo o qual todos podem empreender, basta esforçar-se para tal; de que o empreendedorismo mostra-se atraente, pois o sujeito se configura como uma espécie de patrão de si mesmo, de modo a se distanciar de retrógradas normas e leis trabalhistas tidas como engessadas ao exercício da liberdade individual; de que empreender é mostrar-se arrojado e em conformidade com as verdades do tempo presente; de que quem empreende é o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso, individualizando, assim, um processo complexo e para o qual recaem fatores de ordens diversas, principalmente quando se leva em conta as instabilidades do mercado financeiro.

Assim, as tiras cômicas produzidas por Tony D' Agostinho e publicadas em seu perfil no *Instagram*, entre os anos de 2022 e 2024, buscam exercer o papel da crítica aos consensos estabelecidos pela racionalidade neoliberal a respeito do empreendedorismo e do sujeito empreendedor. O cartunista, nas legendas que acompanham as tiras da série denominada “Os empreendedores”, frisa que essa série realiza uma crítica à uberização/precarização do trabalho. Podemos antecipar que essa questão da precarização do trabalho é silenciada no âmbito dos discursos que defendem a retórica do empreendedorismo como a chave do sucesso e, exatamente por isso, o humor desnuda os não-ditos, de modo a demonstrar as incongruências, os limites e as lutas que caracterizam a produção do discurso. Até o período em que coletamos as tiras, em meados de dezembro de 2024, já haviam sido publicadas um total de 35 (trinta e cinco) com esse viés, das quais recolhemos sete para o estudo aqui reportado.

Para isso, assumimos que o humor se configura em uma estratégia mordaz de combate, de sublevação e de crítica. Embora reconheçamos que o humor também pode servir a finalidades de manutenção de desigualdades, de recrudescimento do conservadorismo ou de fortalecimento de opressões, focaremos a dimensão de transgressão e de resistência desse fenômeno. Por isso, ancoramos as análises prioritariamente no esteio dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a partir de noções como discurso, enunciado, poder e resistência. Conforme comprehende Foucault (2006), toda relação de poder implica práticas de resistência, de confrontos, de insurreições e de embates. Além disso, estabelecemos no decorrer do artigo algumas interlocuções com autores que discorrem sobre a racionalidade neoliberal, o empreendedorismo e o humor sob uma ótica discursiva.

De modo geral, o propósito do estudo recai na análise das tiras cômicas da série “Empreendedores”, de Tony D’ Agostini, com o intento de investigar como o discurso manifesto nessas materialidades discursivas faz funcionar estratégias de resistência à racionalidade neoliberal, mais detidamente aos efeitos de verdade que englobam o empreendedorismo e o sujeito empreendedor.

Subsídios teóricos

Nesta seção, buscamos discutir os principais conceitos e problematizações que conduzem a análise das tiras cômicas de Toni D’ Agostinho. Comecemos pela noção de discurso e de enunciado; em seguida, tratamos do poder, da resistência e do humor (das tiras, em especial); finalmente discutimos brevemente sobre racionalidade neoliberal e as conexões com o empreendedorismo e com a construção do sujeito empreendedor.

O discurso, nos domínios do pensamento foucaultiano, pode ser situado em dois enquadres. O primeiro corresponde à percepção de que o discurso não se configura somente sob a ótica de uma construção linguística, mas que se conecta com as condições de emergência, com a história, com a cultura e com os saberes que determinam a sua irrupção num regime de dispersão (Foucault, 2010). O segundo enquadre compete à ponderação segundo a qual o discurso é objeto contínuo de lutas e de disputas políticas, delineando, assim, a ligação da produção discursiva com o desejo e o poder.

Conforme lembram Piovezani e Alves (2024), o discurso move o mundo, pois com seus poderes e perigos, engendram procedimentos que determinam quem pode e o que se pode falar, em que circunstância se pode enunciar ou ainda aquilo que não se pode dizer. Isso traduz o que Foucault (2009) alcunha de “ordem do discurso”, ou seja, um conjunto de mecanismos e estratégias responsáveis pela seleção, distribuição e organização da produção discursiva. Uma vez que há algo de perigoso no fato de o discurso se manifestar de modo indefinido, é imperioso conter esse ímpeto a partir da atuação incessante de determinadas instituições, de sujeitos considerados autorizados a falar, de técnicas de preservação de determinados discursos, enfim, do controle de sua emergência e de sua circulação.

A emergência do discurso, portanto, além de responder a demandas de cada tempo histórico, não ocorre de maneira fortuita. Para Foucault (2010), é fundamental flagrar as regularidades que integram a composição dos discursos, concebidos como um acontecimento que se caracteriza por meio de uma determinada irrupção no interior das coisas efetivamente ditas. Isso confere um efeito de raridade ao discurso, pois subjaz uma diferença entre a abundância de tudo que as regras da lógica e da língua possibilitam dizer e a carência dos atos a manifestarem o que é efetivamente dito (Piovezani; Alves, 2024).

Trata-se, assim, conforme a leitura de Witzel (2023, p. 164), “[...] de uma prática que forma sistematicamente os objetos de que fala, fazendo com certas coisas possam ser ditas e compreendidas como verdadeiras em certo momento histórico”.

Nas palavras de Foucault (2010, p. 28), “[...] É preciso considerar o discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado”. A fim de fazer valer a lição foucaultiana, é imperioso levar em consideração que o discurso é formado por enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva.

Enquanto a formação discursiva recobre uma série de regularidades materializadas em escolhas temáticas, tipos de enunciação, de conceitos e estratégias a caracterizarem um aglomerado de discursos no esteio de um regime de dispersão, o enunciado é tido como a unidade mínima de análise, o grão do discurso, no dizer de Foucault (2010). Para o autor francês, o enunciado não deve ser confundido com outras unidades distintivas, como a frase, a oração ou o ato de fala, mas como uma função que atravessa esses diferentes domínios e fornece as condições necessárias para o reconhecimento de tais unidades.

De acordo com Foucault (2010), sendo uma função, o enunciado se caracteriza por determinadas propriedades e a análise enunciativa se ocupa de descrevê-las, a saber: a) o referencial – entendido como as leis de possibilidade que permitem a emergência do enunciado em sua singularidade; b) posição de sujeito – trata-se de uma posição assumida no enunciado e não se confunde com a instância autoral, com o sujeito gramatical ou ainda com o ser empírico responsável pela produção de um dado enunciado; c) domínio associado – refere-se ao fato de todo enunciado recuperar já-ditos ou antecipar ainda não ditos, de maneira a elucidar a existência de uma memória, de uma remanência; d) materialidade repetível – diz respeito à existência material por meio da qual todo enunciado irrompe e que permite a sua circulação, a partir de um suporte, uma substância, uma data, um aporte institucional, por exemplo.

Conforme Sargentini (2019, p. 41), “[...] diferentes em suas formas, dispersos no tempo, os enunciados podem formar um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto, instaurando assim um discurso”. Seguindo essa interpretação da autora, pensamos que os discursos sobre o empreendedorismo e sobre o sujeito empreendedor podem ser analisados a partir de diferentes enunciados, como materialidades jornalísticas, discursos orais e verbo-visuais em redes sociais, campanhas publicitárias, dentre outros, e ainda em diversas temporalidades. Contudo, o nosso foco, de acordo com o que já expomos anteriormente, consiste no exame de tiras cômicas que satirizam o empreendedorismo e escancaram a questão da precarização do trabalho na atualidade.

Para tanto, é fundamental recuperar a relação existente entre o discurso e poder, tendo em vista que esse último é compreendido nas abordagens foucaultianas como algo inerente às relações humanas. De acordo com Foucault (2006), as relações de poder circunscrevem as mais diferentes relações entre sujeitos: seja entre os pais e os filhos, entre a criança e o professor e entre o chefe e seu subordinado, mas isso não significa dizer que o poder seja necessariamente algo ruim e negativo. Conforme esse autor, o poder é situado no âmbito de uma positividade, quer dizer, o poder constrói, incita, produz, agencia condutas, ações e comportamentos. Trata-se de uma mutação indisfarçável na forma como o poder era até então conceptualizado: como uma prática nociva ou ainda enquanto um direito a ser adquirido e, dessa forma, o poder estaria localizado em instituições ou encarnado em sujeitos específicos.

Para Foucault (1995), toda relação de poder implica uma ação que não se dá diretamente sobre um corpo, mas sobre outra ação, implicando, pois, sempre a possibilidade de uma fuga, de um confronto, de uma resposta. Tal entendimento advém da ideia de que o poder só se exerce sobre homens livres e é justamente nessas práticas de liberdade que se pode situar o funcionamento das estratégias de resistência. Assim, relações de poder e práticas de resistência funcionam de modo coextensivo, de modo que não há relação de poder sem a sua contraparte, a resistência, e o inverso mostra-se igualmente válido. Na perspectiva de Braga e Sá (2021), é apropriado considerar o funcionamento de um poder que mobiliza uma multiplicidade de relações estabelecidas “[...] horizontalmente entre os sujeitos (uma profusão de relações abertas, descentralizadas e mais ou menos organizadas), a partir da visibilidade do exercício das resistências: suas táticas, seus campos de atuação e mecanismos de aplicação”.

Articulando essa reflexão da resistência com o humor, concordamos com Silva (2024, p. 263), quando reflete que os gêneros humorísticos da atualidade trazem consigo princípios centrais de liberdade, de transgressão dos moldes e das regras instituídas “[...] e da oposição às esferas oficiais, permitindo ao indivíduo uma fuga momentânea para uma realidade de desobrigações pragmáticas”. Ainda para essa autora, embora os enunciados humorísticos possam ser empregados para reforçar o universo capitalista dos meios de produção, via a indústria cultural, não se deve perder de vista a crítica, a subversão dos gêneros formais e do efeito de seriedade das verdades estabelecidas.

Destacamos mais uma vez que, a despeito de o humor não ter a obrigação de ser engajado, de ter uma aplicabilidade ou um apresentar um efeito de pragmatismo, defendemos aqui a tese segundo a qual o humor pode ir além do fato de gerar o riso (o que já não é pouca coisa), porque situamos o discurso humorístico nas bordas de uma dada conjuntura social e histórica e, por isso, os temas retratados nos gêneros humorísticos podem se articular com as preocupações de cada tempo histórico.

Dito isso, consideramos o humor como uma estratégia de resistência potencial à ordem estabelecida, como um mecanismo de transgressão ao discurso oficial, às verdades institucionalmente emolduradas, aos efeitos de evidência e de consenso produzidos na sociedade. No caso do humor gráfico especificamente, temos assistido, nos últimos tempos, a ataques, interdições e censuras (Lima, 2020), o que elucida tratar-se de um campo minado, bem como a reapropriação de charges e cartuns, com vistas a mudar o direcionamento da crítica feita, visando atender outros interesses e produzir outros discursos (Ramos; Vieira, 2023).

Segundo Possenti (2018), o humor se configura enquanto um campo, pois agrupa os mais diferentes temas, corporifica-se em distintos gêneros – a exemplo de charges, cartuns, piadas, tiras, paródias, *stand up comedy* – dentre outros, imiscui-se nouros domínios, a exemplo da religião, do universo acadêmico, da literatura, embasa a emergência de variadas práticas culturais de consumo e de circulação, a partir da realização de feiras, encontros e premiações, marca-se por regras, funções e estilos e pode se manifestar em suportes de sortidas ordens, principalmente quando se leva em conta a predominância das tecnologias digitais na contemporaneidade.

Nessa ótica, Ramos (2011) frisa que o termo tira cômica vem da tradução do inglês *comic strip* e pode ser publicada em jornais, revistas e, principalmente, na *internet*. Apresenta as seguintes características: a) possui um formato fixo e padronizado; b) esse formato tende a ser horizontal, equivalente a uma ou duas tiras; c) geralmente, emprega-se poucos quadrinhos, pois se configuram como narrativas mais curtas, com desfecho inesperado, tal qual uma piada; c) podem apresentar personagens fixos ou não; d) o uso de imagens desenhadas é mais comum, embora possam aparecer colagens e fotografias; e) há a predominância da sequência narrativa, a partir do emprego de diálogos; f) o tema da narrativa pode ter uma continuação em tiras seguintes, como acontece com as tiras de Toni D'Agostinho aqui analisadas, dado que o tema principal – a sátira ao empreendedorismo – está presente em mais de uma tira, formando uma série delas.

Conforme Muniz e Medeiros (2024), o componente principal da composição de uma tira reside na manifestação da linguagem não-verbal – marcada por desenhos – em confluência, ou não, com o texto escrito, mormente expresso por balões ou por outros elementos tipográficos que representam algum tipo de diálogo ou mesmo o pensamento dos personagens da tira. Na leitura de Ramos (2015), a tira cômica apropria-se do *modus operandi* das piadas e o incrementa a partir de diferentes modalidades, seja verbal escrita e visual ou somente visual. Ainda para esse autor, o efeito de humor da tira advém da existência de uma situação inesperada, responsável por conduzir “[...] o leitor [...] para um caminho apenas para surpreendê-lo ao longo da narrativa, apresentando outra possibilidade de interpretação, não prevista até então” (Ramos, 2015, p. 139).

Dentre os vários temas a serem retratados nas tiras, destacamos a crítica ao sistema neoliberal, pauta frequente nas materialidades publicadas por Toni D'Agostini em seu perfil no *Instagram*. Mas antes, é importante fazer alguns apontamentos acerca do neoliberalismo e da questão do empreendedorismo.

Uma chave interpretativa para compreender o neoliberalismo é pensá-lo além de uma doutrina política e econômica que emerge, em países como a Alemanha e os Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, mas que se amplia a partir dos anos de 1970 e 1980 noutros lugares do mundo, tendo em vista o advento da globalização e do capitalismo financeiro e por meio de reformas que preconizam a privatização das empresas públicas, da reforma gerencialista do Estado, da austeridade fiscal e da valorização do mercado como um regime de veridicção (Foucault, 2008). Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo constitui uma racionalidade que atua em variados meandros da vida social contemporânea e define as condutas dos sujeitos, para que se comportem como se estivessem a todo momento numa relação comercial e, com isso, enxergue os outros como concorrentes em potencial. Nas palavras de Dardot e Laval (2016, p. 17), “[...] a racionalidade neoliberal tem como principal característica a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação”.

Sobre isso, Brown (2019, p. 20) descreve que a racionalidade neoliberal “[...] coloca sob um viés econômico cada esfera e empenho humano e substitui um modelo de sociedade baseada num contrato produtor de justiça por uma sociedade concebida e organizada como mercados”. O efeito que deriva desse quadro é uma intensa despolitização ou mesmo uma aversão à justiça social, à proteção dos mais vulneráveis e à própria democracia.

Ainda como consequências dessa racionalidade neoliberal, tem-se a fabricação de subjetividades assinaladas pelo cálculo, pelo máximo desempenho, pela relação custo-benefício, pela avaliação permanente, pelo aperfeiçoamento do capital humano, pela liberdade individual como um valor supremo, pelo desenvolvimento de emoções tidas como adequadas ao mercado concorrencial, pelo planejamento estratégico da própria vida, pois, na ótica neoliberal, somos unidades empresariais. Disso irá resultar o enfraquecimento das entidades protetivas e comunitárias, como sindicados, e a desresponsabilização do próprio Estado, porquanto cabe ao sujeito a administração de sua vida, de suas finanças, do seu trabalho, de sua aposentadoria.

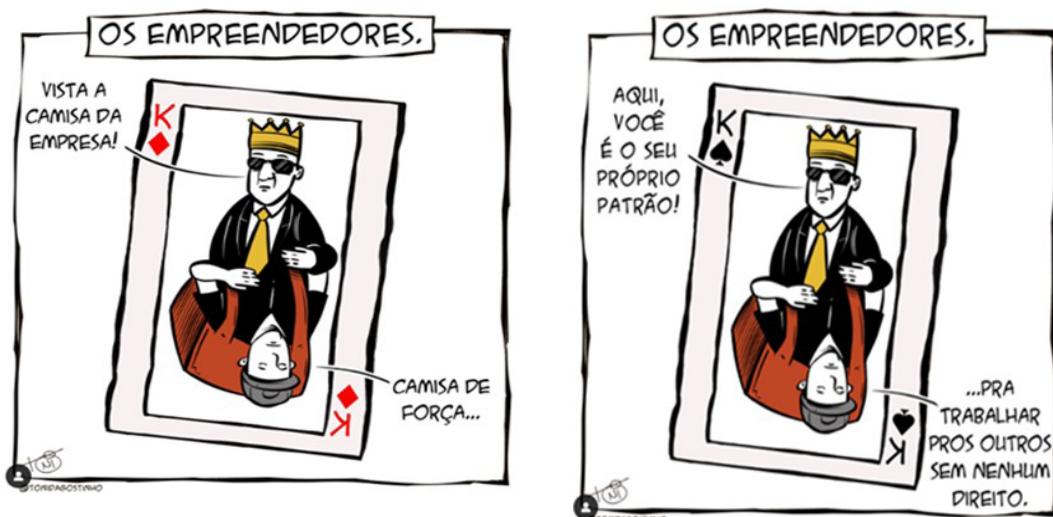
Nesse sentido, o empreendedorismo vem coadunar com essa norma. O ato de empreender é, então, discursivamente construído como uma conduta corajosa, disruptiva, inovadora, empoderada, criativa, livre e arrojada, a ser implementada desde a mais tenra idade. O sujeito empreendedor é concebido como aquele que está pronto para gerir os riscos, sendo flexível, proativo e autônomo, adaptando-se rapidamente a mudanças. Assim, “[...] o empreendedorismo torna-se um imperativo e é valorizado como uma prática de liberdade, que emancipa o sujeito dos laços da servidão” (Saraiva, 2022, p. 418).

Além disso, a retórica empreendedora vem a calhar num contexto marcado pela precariedade do trabalho, advindo das reestruturações do setor produtivo, da automação, bem como da desregulamentação dos direitos trabalhistas, do avanço da terceirização, do trabalho informal e autônomo e da plataformização do trabalho. Para Moraes (2020), o empreendedorismo tem sido utilizado para justificar a natureza instável do sistema capitalista, de maneira a reiterar as forças que se ancoram sobre a meritocracia e o individualismo, independentemente de organizações, instituições e, em especial, do Estado.

Seguindo essa ideia, Lima e Oliveira (2021) discutem que a lógica neoliberal de individualização e segmentação dos trabalhadores rebaixa os custos para o capital por meio da precarização das relações de trabalho, provocando, pois, o enfraquecimento da ação coletiva e organizada e de resistência do sujeito trabalhador. De acordo com Lima e Oliveira (2021), o discurso do empreendedorismo desloca a questão da informalidade, antes vista como negativa e precária, para algo positivo, dado que o sujeito trabalhador informal é construído agora como um empreendedor. Dessa forma, “[...] o camelô de rua, nessa chave, não é mais o ‘trabalhador informal’, mas alguém capaz de ‘empreender’, mesmo que em condições adversas, um ‘empreendedor’” (Lima; Oliveira, 2021, p. 927).

Análise de tiras cômicas da série “Empreendedores”

Nesta seção, analisamos sete tiras da série “Os empreendedores” de Toni D’Agostini. Comecemos as análises por quatro tiras que são compostas de modo semelhante, sendo a diferença mais saliente os enunciados verbais que representam a fala dos personagens. Vejamos as primeiras duas tiras (Figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2. Tiras 1 e 2.

Fonte: D'Agostini (2024c) e (2024d), respectivamente.

Como se pode depreender, as tiras trazem cartas de baralho que representam dois personagens: de um lado, na parte superior, há a representação do executivo, com terno e gravata, e detentor dos meios de produção, além disso, em sua cabeça, figura uma coroa dourada a denotar o prestígio e o *status*; do outro, na parte inferior, temos a imagem de um jovem trabalhador de aplicativo com uma bolsa enorme. Os dizeres que aparecem junto a cada um desses personagens entram em contraste, porque constituem posicionamentos discursivos distintos a respeito do trabalho na contemporaneidade, mas, por meio de uma troca linguageira, estabelecem um contrato de comunicação (Paulukonis, 2019) com o sujeito leitor.

Na tira 1, o executivo enuncia em tom imperativo: “Vista a camisa da empresa!”. Tal enunciado, no âmbito de um domínio associado, entra em contato com outros que irão dizer do modo como os trabalhadores são incitados a produzir de modo incansável, de maneira a encarnar os interesses da empresa a que servem. Esse enunciado é ressignificado pelo entregador de aplicativos, dado que a camisa da empresa é recategorizada como “a camisa de forças”, elucidando, assim, o cansaço do trabalhador e a exaustão mental que levaria ao efeito de um internamento psiquiátrico. O humor se assenta, portanto, na incongruência entre a camisa da empresa e a camisa de forças e, nessa incompatibilidade, constrói um discurso de crítica à racionalidade neoliberal, ao denunciar os efeitos danosos da busca pela performance e pelo desempenho desenfreados.

Na tira 2, o executivo reitera que o sujeito trabalhador seria o seu próprio patrão, espécie de mantra por meio do qual os sujeitos são levados a crer que, no trabalho por plataforma ou mesmo na consecução de atividades empreendedoras, as relações patronais são escamoteadas e prevalece o desejo de liberdade. Tal dizer é contestado, na tira, pelo entregador de aplicativos, ao retrucar que esse trabalho, além de não garantir direitos, não gera no trabalhador um pertencimento em relação à atividade laboral, ou seja, trata-se de um trabalho “pros outros”. Nesse sentido, o discurso de que o sujeito seria o patrão de si mesmo mostra-se enganoso, especialmente porque ignora o fato de os trabalhadores serem entregues a própria sorte, não dispondo de quaisquer garantias. Nisso podemos localizar o funcionamento de estratégias de resistência à racionalidade neoliberal, uma vez que esta tem as suas verdades continuamente questionadas e confrontadas, em razão de um discurso de combate a enunciados comumente naturalizados e cujo pode performativo tende a angariar público. Como lembra Foucault (2006), as relações de poder são móveis, tendo como contraparte as estratégias de enfrentamento e de confronto.

Em prosseguimento com as análises, vejamos as tiras a seguir (Figuras 3 e 4).



Figura 3 e 4. Tira 3 e 4

Fonte: D'Agostini (2024b) e (2024a), respectivamente.

Na figura 3, como vemos, o posicionamento assumido pelo sujeito patrão consiste em imputar ao trabalhador o valor de seu salário, condicionado ao esforço por este dispendido. Nesse viés, o sujeito trabalhador é o responsável pela sua própria renda, distinguindo-se, desse modo, do trabalho formal, em que em o salário é estabelecido por meio de um valor fixo. O enunciado seguinte da tira desconstrói o efeito de celebração produzido pelo sujeito patrão, pois, conforme o entregador, o esforço humano não consegue dar conta do *modus operandi* do trabalho por meio dos aplicativos (“a ganância do app”).

Na figura 4, o foco reside no argumento segundo o qual o horário de trabalho mostra-se flexível. De acordo com essa posição de sujeito, entre as “benesses” do trabalho por meio das plataformas digitais, estaria a liberdade de cada trabalhador definir seus itinerários laborais, o que denota uma conduta empreendedora, distantes das amarras disciplinares dos empregos formais, que seguem um horário rigidamente pré-estabelecido. Todavia, o efeito reverso dessa suposta liberdade, conforme se depreende da materialidade discursiva da tira, é o excesso de trabalho, pois o ganho depende da quantidade de horas em serviço e, para tanto, o sujeito trabalhador é continuamente explorado a exercer a sua função de forma excessiva (“14 horas por dia”). De acordo com Lima e Oliveira (2021), o trabalhador se coloca disponível em tempo pleno e se vê preso a jornadas extenuantes, sendo submetido ainda a formas de controle automatizadas.

Em ambas as tiras, fica em relevo a contraposição a discursos construídos na conjuntura da racionalidade neoliberal, que reinscrevem atividades informais e degradantes em uma ótica positiva, sedutora e individualista, por meio do apelo à flexibilidade de horários e da autogestão do trabalhador no tocante à renda obtida no exercício de sua função.

Essa contraposição configura-se como uma estratégia de resistência ao imperativo neoliberal, na medida em que desestabiliza esses consensos e confere o enfoque às consequências danosas resultantes do trabalho por meio das plataformas digitais.

A seguir (Figura 5), mais uma tira da série em estudo.



Figura 5. Tira 5

Fonte: D'Agostini (2024e).

No diálogo estabelecido entre os dois entregadores de aplicativos, a dúvida gerada inicialmente é de que o aumento no número de entregadores de aplicativos gerará um problema na demanda das entregas: quem irá pedir comida, se todos estão trabalhando no serviço de entrega? Essa dúvida é sanada por um dos entregadores, para quem a demanda será suprida por uma personagem sintomática da racionalidade neoliberal, o *coach*. Uma vez que este é o responsável pelo crescimento do número de entregadores de comida por aplicativo, somente ele restará num cenário de guerra neoliberal. A existência do *coach* como aquele que aconselha, orienta, conduz e motiva, principalmente no âmbito das tecnologias digitais, atualiza o poder pastoral (Foucault, 1995), no governo das subjetividades contemporâneas, pois leva os sujeitos a realizarem um trabalho sobre si mesmos, mas, longe de levá-los a um olhar crítico diante do mundo, busca conformá-los à tônica neoliberal da competitividade.

Para Sousa (2023, p. 216), “[...] ampliamos os pontos que solicitam uma condução, mesmo tendo nos afastado das instituições cristãs, que perderam o seu vigor, mas não deixaram de se estender, se desenvolvendo fora de si mesmas”. O *coach* ilustra essa busca do sujeito contemporâneo em se deixar conduzir pelo auxílio de outrem, dependente de alguém que o oriente como deve seguir no empresariamento de si mesmo e na gestão calculista de si.

A seguir (Figura 6), mais uma tira.



Figura 6. Tira 6

Fonte: D'Agostini (2023).

Segundo o entendimento de Silva (2024), o humor refere-se ao fenômeno oriundo do trabalho com aspectos verbais e não verbais que, ao tratar um determinado objeto, torna-o humorístico. Na tira 6, com exceção do último quadro, não há nenhum enunciado verbal, mas cenas que mostram montanhas e, no penúltimo quadro, a imagem de um ser que representa Jesus, em alusão à passagem bíblica na qual o filho de Deus vai ao Monte das Oliveiras, para orar e ensinar. Além disso, esse lugar afastado é onde Jesus pressente o seu sofrimento que estaria por vir, em razão da traição que sofreria de Judas Iscariotes (Bíblia Sagrada, Mt, 22). No último quadrinho, temos o efeito de humor, com a quebra de expectativa, porquanto um entregador de aplicativos de comida indaga se foi naquele local que pediram um sanduíche.

Essa aparente incompatibilidade de cenários e de personagens distantes do ponto de vista socioespacial e temporal engendra um discurso de crítica à exploração dos trabalhadores de plataforma, porque estes, ao serem objetivados como empreendedores, são levados a romperem os limites e chegarem nos lugares mais afastados. Pensando no referencial do enunciado, isto é, nas leis de possibilidade de sua emergência, conforme discutido por Foucault (2010), vale recuperar diferentes dizeres que enunciam sobre a violência sofrida por esses profissionais, quando estes se recusam a subir para fazer a entrega em apartamentos dos condomínios e/ou outros lugares em que há regras rígidas para a entrada e saída. Assim, a posição assumida na tira é de satirizar essas situações vexatórias, de forma a escancarar o tratamento hostil por que passam esses trabalhadores.

Na tira abaixo (Figura 7), essa crítica mostra-se ainda mais acentuada.



Figura 7. Tira 7

Fonte: D'Agostini (2021).

O entregador de aplicativo de comida é representado, na tira, como uma pessoa com deficiência (cadeirante), que justifica a demora na entrega, em razão da falta de acessibilidade. O cliente, por seu turno, afirma que irá registrar essa queixa no aplicativo, embora destaque que o exemplo de superação do entregador deva ser realçado. A construção do humor resulta dessa percepção do cliente, por meio de um discurso tipicamente matizado pela lógica neoliberal. Nesse viés, não importam as condições enfrentadas pelo empreendedor, o seu exemplo de superação precisa ser mostrado para que os demais possam se inspirar.

Como dito antes, o humor provém da falta de sensibilidade do cliente em relação à condição do entregador. Apesar de destacar o exemplo de superação do entregador cadeirante, não deixará de fazer um registro da demora da entrega no aplicativo, o que funciona como uma espécie de sanção ao trabalhador de plataforma. No fim das contas, o discurso da superação não atenua o *modus operandi* cruel das plataformas, mas, pelo contrário, reforça o funcionamento dessa racionalidade: indiferente às intempéries por que passam os trabalhadores e apenas voltada à geração do lucro. A posição de sujeito assumida no enunciado da tira em estudo constitui uma estratégia de resistência a relações de poder da gramática neoliberal, ao desnudar as contradições do discurso da superação – pilar nuclear na configuração de condutas resilientes e adaptáveis aos desígnios do mercado.

Conclusões

Neste estudo, buscamos analisar tiras cômicas da série “Empreendedores” de Tony D’ Agostini, com o intento de estudar como o discurso humorístico pode se configurar como uma estratégia de resistência à racionalidade neoliberal. Para isso, flagramos no funcionamento discursivo das tiras que o empreendedorismo e o sujeito empreendedor são continuamente ressignificados, com vistas a denunciar as precárias condições de trabalho da atualidade, notadamente dos entregadores de aplicativo.

Assim, ao serem levados a crer que são empreendedores, os sujeitos acreditam que cessaram as subordinações ao patronato, aos horários rígidos do trabalho formal e a um salário determinado antecipadamente. Nesse âmbito, subsiste um apelo à flexibilidade, à conduta proativa e à autogestão. Todavia, o que as tiras retratam é justamente o reverso dessa ordem discursiva: as jornadas de trabalho exaustivas, a ausência de direitos, a sanção das plataformas, a incapacidade do trabalhador de atender às demandas impostas pelo sistema algorítmico e a prevalência do discurso do *coach* e da superação, os quais se mostram indiferentes às singularidades de cada sujeito.

Por fim, importa reiterar que as tiras de Tony D’ Agostini publicadas em seu perfil no *Instagram*, lidas aqui sob a ótica foucaultiana, fazem funcionar estratégias de resistência à ordem neoliberal, expondo as fraturas dessa racionalidade e, com isso, fazendo com que se repense sobre o modo por meio do qual nos relacionamos com o trabalho, com o empreendedorismo e com o sujeito empreendedor na contemporaneidade do neoliberalismo.

Referências

- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Berueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. Apresentação: encampar a resistência possível. In: BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. (org.). *Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 7-20.
- BROWN, Wendy. O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (org.). *Neoliberalismo, feminismo e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 17-50.
- D’ AGOSTINI, Toni. Por @tonidagostinho - Os Empreendedores 32! Série que faz a crítica à precarização / uberização do trabalho. 25 set. 2024a. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAV2WOiPLMe/>. Acesso em 15 dez. 2024.

D'AGOSTINI, Toni. Por @tonidagostinho - *Os Empreendedores 33! Série que faz a crítica à precarização / uberização do trabalho.* 25 set. 2024b. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAbJxzEPgEo/>. Acesso em 15 dez. 2024.

D'AGOSTINI, Toni. Por @tonidagostinho - *Os Empreendedores 34! Série que faz a crítica à precarização / uberização do trabalho.* 2 out. 2024c. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAvjS4vAZK/>. Acesso em 15 dez. 2024.

D'AGOSTINI, Toni. Por @tonidagostinho - *Os Empreendedores 35! Série que faz a crítica à precarização / uberização do trabalho.* 3 out. 2024d. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAq_0fZP5qB/. Acesso em 15 dez. 2024.

D'AGOSTINI, Toni. *Por @tonidagostinho - a série Os Empreendedores critica a precarização / uberização do trabalho - apoiando a causa dos trabalhadores por aplicativos.* 23 fev. 2024e. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3stk5Vrh5O/>. Acesso em 15 dez. 2024.

D'AGOSTINI, Toni. *Por @tonidagostinho - a série Os Empreendedores critica a precarização / uberização do trabalho.* 17 set. 2023. Instagram: @tonidagostinho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3stk5Vrh5O/>. Acesso em 15 dez. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo:* ensaios sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.* Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos:* Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v.4.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica:* curso dado no Collège de France: (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Tradução de Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LIMA, Flávia. O ataque aos chargistas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/06/os-ataques-aos-chargistas.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2024.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Roberto Veras de. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. *Contemporânea*, São Carlos, v. 11, n. 3, p. 905-932, set.-dez. 2021.

MORAES, Rodrigo Bombonati de Souza. Precarização, uberização do trabalho e proteção social em tempos de pandemia. *Nau social*, Salvador, v. 11, n. 21, p. 337-394, 2020.

MUNIZ, Cellina Rodrigues; MEDEIROS, Célia Maria de. *Textualidade:* ensino e aprendizagem com gêneros humorísticos. Natal: Editora da UFRN, 2024.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Texto e compreensão: condições para a apreensão dos sentidos textuais. *Gragoatá*, v. 24, n. 50, p. 773-784, set.-dez. 2019.

PIOVEZANI, Carlos; ALVES, Manoel. Discurso. In: AZEVEDO, Tania Maris de; FLORES, Valdir do Nascimento (org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2024. p. 129-146.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, Paulo. Piadas para ver: o uso da imagem como recurso de humor em tiras cômicas. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 137-153.

RAMOS, Paulo; VIEIRA, Isabela Rodrigues. Invasores de charge: paródias modificando discursos nas redes sociais. *Polifônia*, Cuiabá, v. 29, n. 54, p. 140-163, 2023.

SARAIVA, Karla. Educação, trabalho e subjetividades: do trabalhador disciplinado ao morto de fome endividado. In: TRANSVERSINI, Clarice Salete; FABRIS, Elí Terezinha Henn; RESENDE, Haroldo de (org.). *Alfredo Veiga-Neto: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 413-428.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? *Heterotópica*, Uberlândia, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2019.

SILVA, Beatriz Amorim de Azevedo e. Bakhtin e Possenti em diálogo: caminhos para a compreensão do riso/humor na atualidade. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 245-267, jan./mar. 2024.

SOUSA, Kátia Menezes de. De pastorado a governo das condutas dos homens: estado de menoridade e competição na razão neoliberal. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; FERNANDES, Cleudemar Alves; BRAGA, Sandro (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade?* Campinas: Pontes editores, 2023. p. 213-238.

WITZEL, Denise Gabriel. Discursos (inter)ditados sobre práticas de amamentação. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; FERNANDES, Cleudemar Alves; BRAGA, Sandro (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade?* Campinas: Pontes editores, 2023. p. 163-188.